



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2770 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Aprendendo no/com o terreiro: saberes ancestrais do terreiro de candomblé e educação antirracista.
Laine Horta Lima - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Rosana Batista Monteiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Aprendendo no/com o terreiro: saberes ancestrais do terreiro de candomblé e educação antirracista.

RESUMO

O presente texto resulta de trabalho de conclusão de curso em que buscamos conhecer e evidenciar processos educativos existentes no espaço de um terreiro de Candomblé. Partimos do pressuposto que os processos educativos que se desenvolvem nos candomblés nos aproximam de uma visão de mundo africana e podem contribuir para uma educação antirracista e descolonizar as práticas educativas vigentes. De abordagem qualitativa, implicou na convivência no/com o terreiro, na observação participante das práticas cotidianas e de diálogos/entrevistas com as pessoas que as desenvolvem. São nossas referências teóricas Sodré (1988), Siqueira (1998), Gomes (2011), Botelho (2013), Prandi (2014). O estudo destaca as potencialidades dos processos educativos no/do candomblé, a preservação da cultura afro-brasileira. Ancestralidade, construção da identidade e subjetividade, empoderamento e as formas de relação com o tempo, a natureza e o corpo podem ser compreendidos como conteúdos e metodologias.

Palavras-chave: candomblé, educação antirracista

Aprendendo no/com o terreiro: saberes ancestrais do terreiro de candomblé e educação antirracista.

RESUMO

O presente texto resulta de trabalho de conclusão de curso em que buscamos conhecer e evidenciar processos educativos existentes no espaço de um terreiro de Candomblé. Partimos do pressuposto que os processos educativos que se desenvolvem nos candomblés nos aproximam de uma visão de mundo africana e podem contribuir para uma educação antirracista e descolonizar as práticas educativas vigentes. De abordagem qualitativa, implicou na convivência no/com o terreiro, na observação participante das práticas cotidianas e de diálogos/entrevistas com as pessoas que as desenvolvem. São nossas referências teóricas Sodré (1988), Siqueira (1998), Gomes (2011), Botelho (2013), Prandi (2014). O estudo destaca as potencialidades dos processos educativos no/do candomblé, a preservação da cultura afro-brasileira. Ancestralidade, construção da identidade e subjetividade, empoderamento e as formas de relação com o tempo, a natureza e o corpo podem ser compreendidos como conteúdos e metodologias.

Palavras-chave: candomblé, educação antirracista

INTRODUÇÃO

O texto resulta de trabalho de conclusão de curso em que buscamos conhecer e evidenciar processos educativos existentes no espaço de um terreiro de Candomblé. Partimos do pressuposto que os processos educativos que se desenvolvem nos candomblés nos aproximam de uma visão de mundo africana.

Refletir sobre as potencialidades dos processos educativos no/do terreiro está intrinsecamente relacionada as políticas de ação afirmativa, no campo curricular, a saber: a Lei 10639/2003 que alterou a Lei 9.394/1996 incluindo os artigos 26 A e 79 B, a Resolução CNE/CP 01/2004 que instituíram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.

Dez anos após a aprovação da Lei 10639/03, Gomes (2011) constata que “há estados e municípios que ainda não criaram condições normativas, materiais e financeiras para a devida implementação da política curricular em pauta”. E indica que é necessário “... construir redes que divulguem propostas curriculares, experiências exitosas de gestão, formulação e aplicação de pedagogias antirracistas.” (GOMES, 2011 p.10)

A escola é ainda lugar marcado pela hegemonia cultural eurocêntrica, excluindo ou visibilizando as contribuições históricas e culturais das matrizes culturais indígena e afro-brasileira. O que causa efeitos na autoestima e autoconfiança das crianças negras e indígenas, perpetuam as relações de dominação, desqualifica essas culturas e os seus produtores, não reconhece os valores civilizatórios afro-brasileiros e indígenas.

Conhecer processos educativos existentes no espaço do terreiro de Candomblé pode contribuir para evidenciar possíveis conteúdos e metodologias, que valorizem a cultura afro-brasileira.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo teve como *locus* o Terreiro de Candomblé de nação Ketu localizada em Sorocaba (São Paulo). A metodologia qualitativa incluiu o mapeamento e análise bibliográfica relacionadas ao tema educação e Candomblé, coleta de dados no terreiro a partir de imersão [i] no campo, observação e entrevistas semiestruturadas.

A entrada na comunidade implicou: visitas informais; criação de redes de contato com as pessoas frequentadoras da casa; assiduidade nas cerimônias religiosas. Desenvolvemos relações de confiança e a criação de diálogo prazeroso na/com comunidade.

De acordo com Sodré o terreiro de Candomblé pode ser considerado como *continuum* da África (SODRÉ, 1988) permeado pelo “patrimônio simbólico do negro brasileiro”, ou seja, a memória cultural vinda de África na diáspora, transmite, preserva e cultua uma “cultura negra”. Isto implica em aspectos específicos que expressam maneiras de ser e estar no mundo, vivida e ressignificada pela coletividade.

Coletividade no Candomblé é um valor que se contrapõe ao modo de vida da sociedade capitalista. O capitalismo se fundamenta no individualismo, na competitividade, no desrespeitando as singularidades e culturas não hegemônicas, impõe a padronização e a homogeneização dos indivíduos.

No Candomblé há espaço para a construção das identidades e da subjetividade individual e coletiva. Para Siqueira (1998) a identidade cultural coletiva, proporciona o sentimento de engajamento e pertencimento àquela comunidade, para além do momento do ritual. Essa noção de pertencimento a uma comunidade fica explícita quando, não raramente, ouvimos os filhos de santo nomear a comunidade como sendo sua “família de axé”. E assim embora muitas vezes não componham o mesmo grupo sanguíneo, fazem parte do mesmo asê [ii]. Assim é possível pensar o candomblé como lugar de outras referências socioculturais como afirma Siqueira:

O Candomblé deixa de ser uma religião intramuros, e torna-se uma opção sociocultural religiosa daqueles que compreendem assumir criticamente posições face à realidade brasileira, significa comprometer-se com um mundo político e culturalmente plural, em muitos momentos negados até aqui por razões historicamente conhecidas, por certas determinações e propósitos do sistema colonial escravista em parte reatualizada no sistema capitalista de produção e seus desdobramentos. (SIQUEIRA, 1998 p.34)

O CANDOMBLÉ E SEUS SABERES ANCESTRAIS EDUCACIONAIS



Imagem 1. (acervo pessoal da pesquisadora, 2016).

A imagem 1 mostra no Ilé numa pausa após o almoço no dia de ritual para o Olubajé[[iii](#)]. Estão presentes Egbomi [[iv](#)] Vanessa d'Ewa, Egbomi Rubia d'Oti, Ariele d'Ewa, Ekedí [[v](#)] Ana Paula d'Yemanjá, Ogã [[vi](#)] Ademir d'Ogum, e mais três crianças de filhos da casa. Sentados, ouvem Rubia d'Oti contando o Itã de Ewa.

Orunmilá era um babalaô que estava com um grande problema. Orunmilá estava fugindo da Morte, de Icu, que o queria pegar de todo jeito. Orunmilá fugiu de casa para se esconder. Correu pelos campos e ela sempre o perseguia obstinada. Correndo e correndo, Orunmilá chegou ao rio. Viu uma mulher lavando roupa junto à margem. “Por que corres assim, senhor? De quem tentas escapar?” Orunmilá só disse: “Hã hã”. “Foges da Morte?”, adivinhou Euá. “Sim”, respondeu ele. Euá então o acalmou. Ela o ajudaria. Euá escondeu Orunmilá sob a tábua de lavar roupa, que na verdade era um tabuleiro de Ifa, com o fundo virado para cima. E continuou cantando e lavando alegremente. Então chegou Icu, esbaforida. Feia, nojenta, moscas envolvendo-lhe o corpo, sangue esgotando pela pele, um odor de matéria putrefata empestando o ar. A morte cumprimentou Euá e perguntou por Orunmilá. Euá disse que ele atravessara o rio e que àquela hora deveria estar muito, muito longe muito além de outros quarenta rios. A Morte desistiu e foi-se embora resmungando. Euá tirou Orunmilá de sob a tábua e o levou são e salvo para casa. Preparou um cozido de préas e gafanhotos servindo com inhames bem pilados. À noite Orunmilá dormiu com Euá e Euá engravidou. Euá ficou feliz pela gravidez e fez muitas oferendas a Ifá. Euá era uma mulher solteira e Orunmilá com ela se casou. Foi uma grande festa e todos cantavam e dançavam. Todos estavam felizes. Euá cantava: Ounmilá me deu um filho” Orunmilá cantava “Euá livrou-me da Morte”. Todos cantavam: “Euá livra de Icu!” Todos Cantavam “Euá livra da Morte!” (PRANDI, 2014 p. 235)

No mito de Orunmilá que é perseguido pela morte e salvo por Ewá em seu ato de coragem, é possível fazer alusão ao risco que o *conhecimento* correu para nascer no mundo. Orunmilá na mitologia Yoruba é o Orixa guardião do saber, do conhecimento o grande profeta que traz consigo a palavra divina. É ele quem carrega todo o conhecimento divino e é a quem os seres humanos no jogo dos búzios clamam pelo seu conhecimento. Ewá entre suas diversas funções, protege o dia do nascimento, o dia em que a criança vem a terra.

Assim como no mito, o momento da foto também pode ser percebido como um momento de potência para que o conhecimento ancestral se perpetue. Diante da presença de pessoas mais velhas no asé conhecedoras dos saberes ancestrais, junto de *yaos*, [[vii](#)] crianças de colo e *abiãns*. A memória ancestral se torna responsabilidade de cada um do terreiro, somos os intermediários entre o que foi e o que será. Por essa razão, fica claro durante o processo da pesquisa que existe fortemente a noção da responsabilidade com a vida, com a natureza e com as crianças, que são o território onde emerge a esperança, sendo fundamentais para a continuidade da vida e do saber ancestral. A esperança que renascer em cada conhecimento que floresce.

Na dinâmica do terreiro há sempre alguém disposto a aprender e a ensinar, aos poucos, com as vivências diárias, com as experiências e as necessidades, com as miudezas e as sutilezas. Não existe manual pronto para ser memorizado, há a necessidade de aprender com o amadurecimento constante e nos encontros. O tempo da aprendizagem é respeitado em cada individualidade. A propósito o Tempo é também uma divindade sendo contemplado e respeitado.

No momento da foto é possível perceber outro aspecto que faz pensar a ancestralidade e ao respeito ao tempo individual. Todos, independentemente da idade cronológica ou idade de feitura de santo, estão juntos aprendendo e ensinando em uma grande roda em que emergem trocas de olhares, saberes, empatia e afeto. Estamos de corpo presente implicados no momento. No candomblé o corpo é por onde passa e perpetua o axé. São corpos que ocupam o espaço e produzem conhecimento.

Esses aspectos observados na foto vêm de um único momento, o da contação de um mito. Os mitos possuem o poder de transmitir valores éticos civilizatórios recontando histórias. “O mito de cada divindade dota o mundo de sentido e fornece um sistema de valores e de princípios para as suas seguidoras e os seus seguidores” (BOTELHO, 2013, p. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões deste trabalho, concentradas na análise da cena da foto assim como nossas idas ao terreiro e as leituras, nos indica a potência da mitologia presente no cotidiano deste terreiro, como pistas para nós educadores comprometidos com uma educação antirracista, pensarmos em alternativas possíveis de ensinar e aprender.

A ancestralidade, a construção da identidade e subjetividade, empoderamento, outras formas de relação com o tempo, com a natureza, com o corpo sinalizam conteúdos e metodologias. No entanto é preciso muito cuidado e preparo, para não cairmos na folclorização superficialidades ou estereótipos. A adequada formação do profissional da educação, de qualidade social, e voltado para a reeducação das relações raciais é tarefa necessária e urgente.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Denise, NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés**. Participação, Brasília, n. 17, jan. 2012. Disponível em:

<<http://seer.bce.unb.br/index.php/participacao/article/view/5991/4956>>. Acesso em: 4 jan. 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira**: desafios políticos e prática. RBPA. V 27, n1, p109-121. Jan/abr. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/viewFile/19971/11602>

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Agô agô Lonam**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 1998.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade, a forma social negro-brasileira** Petrópolis: Vozes, 1988.

[i] Comecei a frequentar o Candomblé e o Ilê em 2011, antes de iniciar esta pesquisa. Tornei-me Abiã (nome dado a pessoa que não passou pelos rituais de iniciação mas que tem grande envolvimento com o Candomblé) frequentando as cerimônias públicas e os grupos de estudos criados pelo Babalorixá do Ilê.

[ii]“ Força vital que unifica espiritualmente as comunidades de Candomblé (SIQUEIRA, 1998, p. 453)

[iii] Olubajé: Ritual para orixá Omulu

[iv] Pessoa com sete anos de iniciação no candomblé.

[v] Pessoa responsável pelo cuidado com o Orixá. Não entra em transe.

[vi] Cargo de quem toca os atabaques. Não entra em transe

[vii] Ialô ou Yawô todo aquele que faz a iniciação no Candomblé.